

A BANDEJA

Qual pecado te seduz?

Lycia Barros

“Subitamente, enxerguei uma escada de sete degraus, que descia em direção a uma floresta distante. Era como se eu estivesse no segundo andar do parque. Do lado esquerdo de cada degrau da escada havia sete homens altos e vestidos de branco. Todos olhavam na minha direção. Na minha concepção, pareciam anjos. Cada um deles segurava uma bandeja de prata e em cima delas havia uma maçã. Por algum motivo insondável, aquelas não eram como as outras maçãs. Eram magnificamente vermelhas e extremamente aromáticas, reluziam ao sol ainda mais do que a própria bandeja, destacando-se na paisagem verde. Seu perfume me atraiu intensamente. Incitada, resolvi me aproximar e desci o primeiro degrau, pois cobiçava vê-las mais de perto. O primeiro homem estendeu a bandeja para mim e, amistoso, ofereceu-me. Retribuí a simpatia, mas fiquei em dúvida se deveria pegá-la. Ele se posicionou diante de mim, fitando-me nos olhos, e mais uma vez ofereceu-me a fruta. Ela era tão apetitosa, e eu estava com tanta fome... O desejo de obtê-la era quase inevitável. Argumentei comigo mesma que não haveria problema em somente tocá-la e o aparente anjo continuou me encorajando. Trouxe-a para mais perto da boca e fechei os olhos, inspirando profundamente. Não podia resistir a tamanha formosura. Queria ter a liberdade de comê-la, não vi nada nem ninguém que pudesse me impedir...”

CAPÍTULO I

A PARTIDA

Não conseguia imaginar como seria minha vida longe dos meus pais. Como filha única, por muitos anos cresci recebendo todos os tipos de cuidados e mimos que se possa imaginar. Isso foi bom e ruim ao mesmo tempo. Nunca tinha lavado minha própria roupa e agora estava indo morar sozinha por quatro anos, ou talvez para o resto da vida.

Havia três anos que meu irmão temporão nascera. Desde então, meus pais se esforçaram ainda mais para me agradar. Eu entendia que os cuidados com Vitor demandavam muita atenção, mas mesmo assim a situação acabou virando a meu favor.

Tudo havia passado tão rápido e sob muitas perspectivas a sensação de entrar no mundo adulto era doce. Imaginei que essa sensação viria automaticamente quando eu completasse 18 anos, mas estava vindo agora, com todas aquelas mudanças.

Decerto, havia uma certa nostalgia pelas coisas que eu iria deixar para trás. Enquanto arrumava minha mala, olhei bem para as fotos anexadas em minha cortiça: a última viagem ao Chile, de férias com meus pais; meu aniversário de 15 anos e eu deitada nos braços dos meus primos — fiquei horrível e com o lindo penteado todo desgrenhado. Meu cabelo é castanho escuro e muito liso, desde pequena era difícil prender qualquer coisa nele. Havia uma foto especial, que eu sempre guardava com carinho: eu e minha mãe fazendo castelinho de areia na praia de Bertioga. Era incrível como desde menina nós já éramos tão parecidas! Sempre amei nossos olhos cor de mel, tão diferentes das cores habituais. Ser parecida com ela é um elogio para mim.

Vi também outra foto: eu e minha melhor amiga Natasha no pedalinho, em frente ao hotel Quitandinha. Natasha tem um irmão gêmeo: Dante, uma figura doce e engraçada. Ele tem cabelos lisos e negros e sempre deixa uma franja caída por cima dos olhos azuis. Apesar de Dante ter a mesma idade que eu e Natasha, sempre foi bem mais alto que nós e devido ao súbito crescimento da adolescência, ficou magrelo e desengonçado, ao contrário de sua irmã, que era mais baixinha e magrinha como eu. Nas fotos que eu tinha, ambos estavam de aparelho. Aliás, o aparelho nos dentes era a única coisa que tinham em comum fisicamente. Natasha tem cabelo cacheado, olhos castanhos e morre de inveja dos adereços do irmão.

Essa amiga-irmã entrou na minha vida muito cedo, nossa amizade era inabalável desde os oito anos, seu sorriso metálico me tirava de qualquer baixo astral. Às vezes, eu achava que ela tinha o dom especial de alegrar ambientes.

Dante e Natasha são filhos do pastor da nossa igreja e talvez por isso tenham sido incentivados desde pequenos a confortar as pessoas ou... Sei lá, trazer esperança, essa era uma característica que compartilhavam. Apesar disso, nenhum dos dois se mostrava interessado em herdar do pai o cargo de pastor. Dante era meio *polêmico* no seu modo de pensar e irreverente demais para o gosto do pai. Porém, eu sempre achei que ele conhecia Deus mais do que todos nós, pela intimidade que demonstrava ter com Ele. A fé dele parecia mais real do que a nossa. Dante tocava violão desde pequeno, e esse era para ele o único dom que desejava possuir.

Já Natasha acreditava que seu ministério era seguir em missões viajando pelo mundo. Vivia atenta às tragédias sociais e sempre inventava alguma forma de ajudar, mobilizando todos à sua volta. Por esta razão, ela não prestou vestibular comigo naquele ano, achou melhor passar um tempo fora do país para descobrir realmente qual era o seu propósito.

De qualquer modo, tudo isso seria deixado para trás por um bom tempo. Afinal, eu precisava seguir o meu caminho.

Minha mala estava quase pronta quando minha mãe entrou no quarto. Sim, eu sabia que ela estava sofrendo tanto quanto eu com aquela despedida. Mas minha mãe é uma pessoa que parece que nasceu para me ver feliz, e tentou me manter otimista durante toda a última semana em casa.

— Já está com tudo pronto, querida?

Como se ela mesmo não tivesse cuidado de cada detalhe...

— Acho que sim, só falta pegar a minha Bíblia na gaveta.

— Angelina, estou tão feliz com a sua conquista! Você sempre sonhou estudar Literatura e Deus te deu mais essa vitória. Pena que tenha que ir para o Rio de Janeiro. Bem, mas você está indo para uma das melhores faculdades do Brasil e sei que, quando voltar, será uma grande profissional.

Na verdade, não estava nos meus planos voltar para trabalhar na minha cidade. Afinal, em Petrópolis, com a média de 300 mil habitantes, imaginava que as oportunidades seriam reduzidas. Porém, eu sabia que não era o momento de abordar aquele assunto, não queria gerar mais uma crise na minha mãe.

Pegamos as coisas e resolvi levar minhas fotos para tornar o quarto na república um pouco mais familiar. Estava ansiosa, mas ao mesmo tempo nervosa. Claro que eu já tinha ido ao Rio de Janeiro, mas nunca nos prolongamos por lá pois meu pai não podia ficar longe do trabalho por muito tempo. Na verdade, ele achava que uma cidade mais calma e perto da natureza seria ideal para criar os filhos. Por isso, nunca quis sair da região serrana do Rio, tinha alergia ao tumulto da cidade grande. Sendo assim, minha vida inteira girou em torno de uma cidade pacata e familiar, bem diferente da turbulência de uma grande metrópole.

As notícias de violência não me assombravam tanto, pois não pretendia sair muito da república. Imaginava que teria que ler muito para acompanhar o curso. O que *realmente* me deixava desconfortável era ir para um lugar com tanta gente, onde eu não conhecia absolutamente ninguém.

Uma amiga da minha mãe tinha uma filha que estudava e residia na mesma universidade para onde eu estava indo. Por intermédio dela, consegui uma vaga em um quarto da república. Quando éramos crianças, na igreja havíamos frequentado a mesma escolinha dominical, mas a família dela sumia e aparecia com tanta frequência que não formamos laços. Para mim, ela era uma estranha.

Quando desci a escada, lá estava ele: meu ansioso e desesperado pai, o senhor Frederico Hermann. Ele já tinha feito todo tipo de cerimônia para comemorar o meu ingresso na faculdade. Fez um churrasco e convidou todo mundo que ele conhecia; levou-me no altar da igreja para que o pastor fizesse com que todos os membros orassem por mim e abençoassem minha partida; criou uma página nesses sites de relacionamentos só para achar amigos antigos e divulgar a grande notícia.

Meu pai era comerciante, não teve muita opção sobre o que queria ser. Seu pai praticamente exigiu que ele se apoderasse dos negócios. Ele herdou uma grande fábrica de agasalhos, que meu avô levantou do nada. Acho incrível como, injustamente ao longo dos anos, as pessoas que não querem parecer com os pais ficam cada vez mais semelhantes a eles. Isso também aconteceu ao meu pai, física e emocionalmente. Querendo ou não, ele tinha tino para os negócios. Fisicamente estava ficando idêntico ao pai dele: ambos altos,

carecas, gordinhos e de olhos verdes.

Morávamos num excelente bairro chamado Valparaíso, numa casa de dois andares ampla e confortável. A empresa da família fornecia produtos para lojas de todo o Brasil. Porém, apesar de ser bem sucedido, o sonho do meu pai estava se realizando em mim: agora, ele queria ter feito faculdade.

Fui livre para decidir o que fazer. A decisão foi exclusivamente minha, apesar de eu reconhecer uma certa influência da minha mãe, que era pedagoga. Não que ela tivesse me incentivado a fazer essa escolha, mas lendo pra mim desde pequena tornou-me uma apaixonada por livros. No mais, nunca tive talentos comerciais e apesar de não achar má idéia ser dona de uma livraria, na verdade eu queria ser escritora. Estava pronta para esse desafio, mesmo que fosse doloroso partir.

— Está pronta? — perguntou ele, mordendo o lábio inferior numa tentativa de não desmoronar.

— Sim, vamos logo pai. Não quero que você volte tarde.

Ele passou a mão pelo meu ombro, me apertando forte. Achei que não fosse me soltar. Passamos pela porta e vi que todas as tralhas já tinham sido colocadas na mala. Minha mãe repetia as mil recomendações que já tinha me dado. Eu insisti para que ela ficasse tranquila, dizendo que eu havia sido muito bem criada por uma família cristã, que me passou fidedignamente seus valores durante os últimos 18 anos.

— Coma direito, nada de lanches o dia todo e não se esqueça de orar sempre: à noite, ao acordar, antes de fazer as provas...

— Dona Silvia, acalme-se! Deus estará comigo, tenho certeza de que Ele já ouviu suas ininterruptas orações nessa última semana.

Afaguei-a carinhosamente e dei-lhe um abraço rápido, senão quem iria chorar era eu. Beije e abracei o Vitor, aí sim uma lágrima escapou. Então, partimos.

Começamos a viagem em silêncio nos primeiros dez minutos, mas logo meu pai começou a reclamar: do preço do pedágio, do tempo de viagem prejudicado pelo asfalto ruim, da preocupação de voltar muito tarde para casa, da violência nas estradas, dos bandidos, das placas pichadas e amassadas pelo caminho, dos malfeitores da cidade vizinha e eis que finalmente chegou ao cerne do seu objetivo: *os malfeitores da faculdade*.

Falou longamente sobre os filhinhos de papai que vão para universidade somente para se divertir e “fazer mal” às mocinhas inocentes do interior. Antes que o assunto se prorrogasse demais, interrompi:

— Pai, não estou interessada em namoros e em farras, agora estou focada em outros alvos. Quero dar o meu melhor na faculdade, acompanhar o curso, fazer pesquisas sobre a profissão, ler muito, e no pouco tempo que me sobrar ligarei sempre para vocês. Além do mais, eu vou fazer o curso de Letras e já soube que a maioria da classe é feminina ou gay, não se preocupe.

— Não é bem assim, acredite. Além do mais, no campus há faculdades de diversos cursos e, com certeza, muitos rapazes por lá também. Você não tem muita experiência e me sinto na obrigação...

—Pai! — interrompi de novo. — Você teve quase duas décadas para me cobrir de toda informação necessária, fez questão de me inscrever em todos os seminários de jovens que acontecia na cidade. Você fez um bom trabalho, confie em mim.

— Certo. Está bem, mas... me prometa uma coisa.

— Diga — consenti.

— Sempre que estiver em dúvida se deveria ou não estar em algum lugar, peça ao Espírito Santo a sua presença naquele instante. Se não puder senti-IO, ali não é lugar para você estar. Vai se lembrar disso?

— Prometo pai — falei, levantando dedinhos de escoteiro.

A viagem seguiu sem muitas novas recomendações. Começamos a conjecturar sobre como seria o campus, os professores, em quanto tempo eu estaria estagiando. Foi bem mais agradável.

Quando enfim chegamos, não era muito tarde. O trânsito estava bom, já que era domingo. As aulas começariam no dia seguinte. Eu ansiava por arrumar minhas coisas no quarto e preparar tudo para o início da minha vida acadêmica e não via a hora de começar.

Entramos pelo portão grande e verde da república e deparamos com uma pequena saleta. Ali havia uma mesa de ping-pong e uma TV ligada. Quando entramos, vimos um garoto assistindo filme, sentado no sofá. Ele nos olhou com curiosidade, em seguida nos informou que os quartos eram no segundo andar. Notei que a saleta era integrada com outra ainda menor, onde havia dois computadores e uma pessoa usando a internet. Adorei esse adendo.

Subimos um lance de escada e meu pai levou minhas coisas até a porta do meu novo aposento. Como era um quarto de meninas, achei melhor não convidá-lo para entrar, poderia pegar alguém desprevenido. O corredor estava vazio e devia haver, no máximo, uns dez quartos.

Repentinamente uma das portas se abriu e por ela passou um garoto de toalha amarrada na cintura, escovando os dentes. Ele nos cumprimentou levantando a sobrancelha na maior informalidade e entrou no quarto da frente, onde dois ou mais garotos falavam alto e davam risadas. Meu pai vislumbrou aquela cena com uma reprovação nítida no olhar, me abraçou numa despedida silenciosa e se foi rapidamente, evitando que o desespero tomasse conta dele e o fizesse me levar imediatamente de volta para casa.

Abri a porta com a chave que haviam me enviado e entrei no pequeno cômodo. A parede era verde clara e havia uma janela de alumínio. O quarto era composto por um armário de madeira antigo, duas camas também de madeira e muitos ursinhos de pelúcia. Roupas e meias estavam jogadas em uma cadeira, havia papeis com frases de automotivação colados na parede, que pareciam ter sido retirados de alguma revista feminina. Perto do armário avistei uma pequena pia com alguns itens para comestíveis: um fogão de acampamento de duas bocas sobre uma prateleira e um frigobar abaixo dela.

Quando examinei as camas, em uma delas estava um edredom fazendo um morro, e na outra só um colchão, que imaginei ser a minha. Assustei-me quando ouvi o som de alguém se espreguiçando e, ao mesmo tempo, vi um movimento no edredom da cama ao lado. Debaxo dele apareceu o rosto de uma menina pequena, que quase podia-se confundir com uma criança, mas sem roupas de criança. Seu cabelo era castanho claro, meio ondulado, e em seu rosto havia vários borrões de rímel em volta de seus pequenos olhos verdes. Ela me olhou, esfregou o rosto borrando-o ainda mais, e fez contato entre um bocejo e outro.

— Oi, você deve ser Angelina. Eu sou Michele, filha da Ana, amiga da sua mãe. Bem vinda à faculdade, gata. Sua cama é aquela.

— Já percebi. Bem... *boa tarde* Michele — disse, sorrindo, para ela perceber o horário. — Obrigada pela vaga que você me cedeu, soube que é difícil por aqui. — Valbrizei, tentando estabelecer uma boa primeira impressão. Afinal, era com essa pessoa que eu acordaria e dormiria nos próximos meses. Sempre tive um quarto só para mim, e essa parte da minha nova vida, dividir um quarto, não me animava.

— Nem tanto... — desmereceu ela. — Nem todo mundo se acostuma com as baratas e com o barulho. Acabam sobrando muitas vagas no meio do semestre.

Barulho ok, mas... baratas? Já comecei a ficar em estado de alerta. Eu *abominava* baratas.

Comecei a arrumar minhas roupas enquanto Michele me dava algumas dicas: onde ficavam os banheiros, os melhores horários para o banho... Enquanto isso, eu examinava

cada centímetro onde colocava minhas coisas, já pensando em ir ao mercado mais próximo para comprar todas as armadilhas, remédios e inseticidas que eu achasse disponíveis. Infelizmente, me lembrei que já eram 5 horas da tarde de domingo e todos os mercados já deviam estar fechados.

Terminei de arrumar tudo, troquei de roupa e arrumei o novo material na minha bolsa. Enquanto prendia meu cabelo, Michele terminou de fazer café e me deu uma xícara, enquanto acendia um indesejável cigarro. Achei péssima a ideia de morar com alguém que fumasse, já que eu tinha rinite alérgica. Mas, como ainda não era o meio do semestre e não existiam outros quartos vagos, achei melhor ser simpática com a minha colega e não reclamar, pelo menos nesses primeiros dias.

Michele trocou de roupa, lavou o rosto e disse que ia descer para ver os calouros chegando. Perguntou se eu queria ir, mas eu respondi que estava cansada e que iria dormir cedo. Assim que ela saiu me deitei por alguns segundos para assimilar a minha nova realidade. Peguei o celular para ligar para Natasha, mas ela não atendeu pois devia estar na igreja. Ela fazia parte do louvor e Dante tocava aos domingos. Como eu também não podia estar lá, peguei minha Bíblia e abri aleatoriamente. Caiu em I Coríntios 10:12.

“Aquele, pois, que cuida de estar em pé, olhe para que não caia.”

Achei que meu pai tinha, propositalmente, marcado essa página da Bíblia. Então, abri outra vez. Caiu em I Timóteo 3:7.

“Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo.”

Achei que meu pai tinha marcado essa também. *Será que peguei a Bíblia dele?* Bem, com certeza, a dele não tinha a capa rosa.

Orei para que nenhuma barata subisse no meu colchão durante a noite e depois de alguns *check ups*” embaixo da cama, apaguei.

CAPÍTULO II

PISANDO EM OVOS

Acordei super animada, ao contrário do que minha mãe *jamaís* imaginaria depois de anos e anos me empurrando cama abaixo para ir à escola. Mas agora eu era independente e tinha que ser responsável, queria provar para mim mesma que já sabia me cuidar. Fiquei surpresa ao ver que Michele já se fora. Ela não me pareceu o tipo de menina pontual e disciplinada, mas a gente pode se enganar. Estranhei o fato da cama dela estar exatamente igual à noite anterior, mas gostei de saber que ela havia saído sem fazer barulho. Iríamos nos dar bem assim.

Troquei de roupa, penteei o cabelo e resolvi tomar café na cantina para desenvolver minha performance social. Ao me dirigir até a porta para sair, a mesma se abriu de repente, quase batendo no meu rosto e tive que dar um pulo para trás para me salvar. Era Michele, que entrou correndo e pedindo desculpas, dizendo que iria se atrasar. Pegou a mochila, lavou o rosto, trocou de roupa e foi catando as coisas, afobada, perguntando se o telefone dela tocara à noite enquanto ela *dormia fora*.

Dormiu fora? Aonde?

A faculdade era super isolada e os parentes dela também residiam em Petrópolis. Antes que eu perguntasse alguma coisa a porta se abriu novamente e entrou outra menina. Era mais alta do que eu, cabelos lisos, loiros e médios, com uma mecha azul que saía do topo da cabeça e caía até as pontas. Vestia roupas escuras e coladas, que destacavam bem sua silhueta. Ela nem percebeu minha presença e se dirigiu à Michele, rindo e gritando:

— Sua malvada, nunca deixa os melhores pra mim!

Notei pelo sotaque ela era do sul. Ao me notar, não se entretteve muito tempo. Limitou-se a exprimir um esnobe “oi” e voltou sua atenção novamente para Michele. Percebi que educação não era o seu forte, mas não me incomodei com a pouca atenção que me fora dispensada. Enquanto as duas riam e fofocavam, eu saí. Ainda teria que tomar o café da manhã e achar a minha sala.

O corredor da república agora estava lotado, as pessoas se abraçando e rindo, meninos batendo na cabeça uns dos outros... Eu conseguia nitidamente destacar os calouros assustados tentando caminhar imperceptíveis, longe dos veteranos. Essa também era eu, desejando ser invisível — apesar de sentir os olhares maliciosos me analisando como se eu fosse uma mercadoria a ser adquirida. *Que patético*, pensei.

Peguei um café expresso na cantina e saí apressada, me sentindo uma executiva atrasadíssima. Logo achei a minha sala. Quando entrei, havia poucas pessoas, o professor não estava e dei graças a Deus. Coloquei minhas coisas na mesa e joguei fora o copinho do café, depois de beber. Fiquei olhando o movimento no corredor imaginando se conseguiria prestar atenção com tanto barulho ao redor. Eu estava ansiosa para me tornar uma estudante em uma das faculdades mais respeitadas do Brasil. Tantas perguntas a fazer...

Olhei para a sala para registrar cada momento do meu primeiro e glorioso dia. Talvez eu ainda viesse a narrar isso em uma das minhas entrevistas como futura reconhecida escritora.

Os minutos foram se passando e cada vez mais alunos chegavam atrasados. Algum tempo depois minha ansiedade foi se transformando impaciência. Em seguida, em intolerância. Até que, quando avisaram que o professor não poderia dar aula naquele dia, me senti invadida por uma grande decepção.

(...)

Minha cabeça estava a mil, e eu sabia que teria que me adaptar a muitas realidades imprevistas e indesejáveis. Procurava ter esperança de que viriam dias melhores quando saí do banheiro, irritada, marchando e olhando para o chão. Por causa disso, trombei abruptamente com alguém, deixando meu fichário, meus horários e meu celular se espatifarem no chão, espalhando-se em vários ângulos diferentes. Desanimada, suspirei, preparando-me para pedir desculpas após já ter visto um par de sapatos masculinos no piso diante de mim. Mas, não foi possível..

Ao erguer os olhos, me deparei com o ser humano indiscutivelmente mais bonito e mais maravilhoso que já tinha visto naquela faculdade. Na verdade, na minha cidade também. Fazendo-lhe totalmente justiça: era o homem mais bonito que eu já vira em toda a minha vida. Fiquei arrebatada por alguns segundos com aquela desconcertante visão e me confortei em saber que ali havia pelo menos uma coisa boa de se ver. Afinal, depois de tanto desagrado, aquela visão era remédio para a minha alma.

Tratava-se de um rapaz. Ou homem, que devia ter entre vinte e trinta anos no máximo. Sua pele branca estava levemente bronzeada, seu cabelo era loiro escuro e meio desalinhado em torno do rosto. Seus olhos tinham nuances infantis e sedutoras ao mesmo tempo. Não pude deixar de notar as ruguinhas leves que surgiam nos cantos de seus olhos quando ele sorria e que lhe atribuíam um charme viril, todo especial. Seu maxilar era quadrado e emolduravam um sorriso caloroso e perfeito, aberto para mim. Ele era um pouco mais alto do que eu, o que me fazia inclinar a cabeça para apreciá-lo. O céu deveria ser mais ou menos assim...

(...)

Pela primeira vez no dia a saudade de casa bateu forte e resolvi ir até a pequena lan house que havia visto lá em baixo para enviar algumas mensagens para o meu pessoal.

Quase tive uma parada cardíaca ao descer as escadas e vê-lo sentado no sofá com dois outros garotos, vendo um jogo de futebol. Era ele mesmo: Alderico ou "Rico", como dissera Michele. Estava bem mais informal, com uma bermuda verde, uma camiseta branca e chinelos. Mesmo assim, um espetáculo!

Ao sair do transe pensei: *Droga!* Eu tinha descido com uma calça larga, uma blusa que ganhei num comício, chinelos e cabelo molhado penteado para trás. Parecia que estava em casa numa sessão de cinema com a minha mãe. Pensei em retornar rapidamente escada acima para me trocar, mas não me decidi em tempo suficiente. Ele me avistou...

(...)

Os alunos chegaram e ele também. Fingi não tomar conhecimento da sua presença e continuei lendo. Ele pigarreou alto, olhando e rindo para mim, se fazendo notar. Ri de volta e sussurrei: *Desculpe*.

A aula prosseguiu normalmente, mas parecia que nunca ia acabar. Eu estava louca para estar a sós de novo com ele.

Diferente da primeira vez, ele caminhava por entre as carteiras enquanto falava, fazendo os alunos rirem de vez em quando. Não sei se ele tinha idéia do quanto era encantador. Cada parada dele dava uma foto, tão lindo ele era. Em certo momento, ele passou pela minha mesa e deixou cair um pequeno papel, sem que ninguém visse. Meu estômago embrulhou de nervoso e me senti como se fosse uma criança no quinto ano. Seria realmente para mim? Procurei-o com o olhar para confirmar se era, de fato, para eu abrir. Mas ele me ignorou, continuando a dissertar. Impaciente, abri imediatamente o papel no meu colo, onde estava escrito: "*Meu anjo, te devo um jantar.*"

(...)

Ele se aproximou da minha orelha como se fosse dizer alguma coisa, mas não disse nada. Cheirou meu cabelo como se cheirasse uma rosa, desceu o nariz pelo meu rosto até ficar mais perto da minha boca. Nós dois pudemos sentir o calor do corpo um do outro. Fiquei em dúvida se ele podia ouvir as palpitações do meu coração. Estávamos na escada e não havia ninguém em volta...

(...)

Depois de quase uma hora lendo, meu celular apitou, vi que havia chegado mensagem. Li o seguinte: *Abra porta meu anjo!*

Corri para a porta e ele estava lá. Deslumbrante, vestindo a camisa que eu lhe havia dado de aniversário. Aliás, ele era muito mais bonito do que o modelo do catálogo da loja... Ele me deu um beijo e me abraçou, tirando meus pés do chão. Depois entrou, com dois sacos de lanche para viagem, uma garrafa de vinho e uma mochila.

(...)

Fiquei ali, orando e implorando a Deus que fizesse aquela dor parar, que o trouxesse de volta para mim e consertasse as coisas entre nós. Depois de longas e sofridas horas, resolvi voltar para casa.

Felizmente era tarde e meus pais já estavam dormindo. Peguei um remédio para insônia na cozinha, tomei e subi. Eu só queria dormir o mais rápido possível para esquecer...

(...)

Senti meu coração bater forte ao ouvir aquilo. Eu queria recomeçar, mas não tinha forças. Queria acreditar que aquelas palavras eram para mim, mas tinha tanta gente ali que as merecia mais do que eu... Seria pretensão minha acreditar que Deus estaria falando comigo. Mas aquela parábola do cavaleiro com um arco...

As lágrimas voltaram a rolar incontrolavelmente dos meus olhos. Era Ele: Jesus, o meu cavaleiro protetor.